

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO II



COIMBRA / 1943

os «Roteiros» e o «*Tratado da Sphaera*» de D. João de Castro, o «*Roteiro da Navegação e Carreira da Índia*» de Gaspar Ferreira Remão, «*Roteiros portugueses inéditos da Carreira da Índia do Século XVI*», «*Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499)*», de Alvaro Velho, «*A Arte de Navegar*» do Padre Mestre Cristóvão Bruno, «*Os Sete Únicos Documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral*», «*Prática da Arte de Navegar*, de Luiz Serrão Pimentel, «*Roteiro da África do Sul e Sueste*», de Manuel Mesquita Perestrelo, e, em colaboração com o Sr. Dr. António Baião, o «*Livro da Marinharia*» de Bernardo Fernandes.

Servindo-nos de uma expressão de D. Francisco Manuel de Melo, formulamos, de justiça, o desejo de que as gerações vindouras procurem honrar ao seu nome quanto ele procurou eternizar e engrandecer o dos passados.

J. FRANCO MACHADO

Doutor José Leite de Vasconcellos

A vida do Dr. José Leite de Vasconcellos, que serenamente se extinguiu no dia 17 de Maio de 1941, é um exemplo tão alto de oblação ao estudo — em que consistia o seu prazer, o seu único prazer — que dela bem se dirá ser chama que o consumiu inteiramente na ânsia de realizar uma obra que, se não completou, ideou, traçou e preparou até os mínimos pormenores.

Por isso, o trabalho dos seus continuadores deverá ser e será o prolongamento da própria actividade espiritual do Mestre, que a morte apenas transfigurou. Leite de Vasconcellos previa para esse trabalho, que deixou instantemente recomendado, quinze anos. «Sé assim for, e é provável que seja, — observa um dos seus

discípulos dilectos ⁽⁴⁾ — a vida literária de José Leite de Vasconcellos abrangerá um período de 78 anos!».

Maravilhoso exemplo de fidelidade a um ideal que consegue transpor os umbrais da morte, para se afirmar, estuante de vida, durante mais de três quartos de século!

Ainda sob êste aspecto, a actividade do Dr. José Leite apresenta característica singular: a de uma maturidade de espírito que se alcança logo nos primeiros passos de longa e vertiginosa carreira[^]), e que, salva pela morte dos estragos fatais da decadência física ⁽³⁾, se mantém inalterável até nos dar os seus últimos frutos.

Dessa maturidade, tão precocemente alcançada, resulta uma característica: a fidelidade irrepreensível ao plano de estudos que a si mesmo se impôs ao iniciar a sua actividade científica.

Há, assim, no labor mental do Dr. Leite de Vasconcellos, apesar da sua aparente dispersão por matérias tão diversas, uma linha mestra que o informa e o estrutura. Não tivesse o infatigável trabalhador a preocupação de assegurar a prioridade das suas investigações ou reflexões, publicando-as logo ⁽⁴⁾; não sentisse a

0) O Prof. Orlando Ribeiro, in *Vida e obras de José Leite de Vasconcellos*, separata de *Portucate*, vol. xv, pág. 19.

(2) Em 1883, obtém para o seu estudo sobre *O dialecto mirandes*, que escrevera no ano anterior, apenas com 24 anos, o único prémio concedido num concurso da *Société des langues romanes*, de França. Êsse estudo, logo apreciado em revistas de filologia alemãs e italianas (vide *Indículo dos trabalhos literários de J. Leite de Vasconcellos*, por Moses Bensabat Amzalak, pág. 47, n.º 215) consagrou o seu autor que, assim, aos 25 anos, «era — como diz o Prof. O. Ribeiro — lido e apreciado na sua terra e fora dela. Em menos de oito anos — observa ainda — o bisonho estudante da Ucanha percorrer a estrada que o levou à consagração entre os eruditos» (Art. cit., pág. 11).

(3) «Teve a sorte de morrer—observa ainda O. Ribeiro — mal começara a viver demais, sem que o seu próprio descalabro chegasse a quebrar a unidade de uma existência, que foi, do princípio ao fim, uma ascensão contínua para o mais nobre e alevantado ideal científico», (Ibid., pág. 23).

(4) «O que há de *peçoal* nas obras de Leite de Vasconcellos — observa o Dr. Orlando Ribeiro que de perto privou com o Mestre — explica, até certo ponto, o seu excessivo personalismo, que o levou a rejeitar a colaboração íntima de estranhos, com receio de se não poder fazer depois a destrinça do seu e do alheio, e a guardar até ao fim o culto cioso das prioridades: alguns opúsculos seus, muito incompletos, saíram a lume para reservar projectos de tratar mais demoradamente assuntos que, à força de pensar neles, considerava como cousa sua». (Ibid., pág. 3y).

necessidade de expansão comunicativa que o levava a procurar e a cultivar insistentemente relações intelectuais, depressa nimbadas pelos mais puros sentimentos afectivos ; tivesse podido ou querido isolar-se como, por exemplo, Gama Barros, que conseguiu organizar a sua *História da Administração Pública* e preparar e escrever, durante cerca de vinte anos, o primeiro volume sem que o público o suspeitasse sequer, e a sua obra teria a homogeneidade e a monumentalidade que naquela tão fortemente nos impressiona.

Mas Leite de Vasconcellos, cultivando ciências cujas fontes, mais ainda do que os textos, são o testemunho vivo das tradições populares, do falar das gentes, ou o documento arqueológico que não se pode pesquisar nem, em geral, interpretar no remanso de um gabinete de trabalho, entendeu que não era isolando-se que poderia preparar e levar a cabo a sua obra. E, mais ainda, entendeu que precisava, para poder reunir os materiais de que carecia e obter as informações indispensáveis, de levantar dúvidas, pôr problemas, agitar questões. Isso levou-o, às vezes, a dispersar-se, a desviar-se ate' do seu caminho — mas para o dominar melhor (5).

Realmente, quem ler com atenção e espírito compreensivo a sua obra, não terá dificuldade em apreender o nexu que liga peças só aparentemente dispaes (6).

Ele mesmo o diz, ao observar, em 1900, que, «desde 1876

(5) «Creio não trair o pensamento do Mestre — observa muito bem O. Ribeiro — ao dizer que ele concebeu o conjunto de seu labor debaixo de um critério fundamentalmente *etnológico*». E acentua: «tudo, ou quasi tudo, o que escreveu, se integra dentro do plano de um vastissimo *corpus* do povo português, desde as suas mais remotas origens até aos nossos dias, nas manifestações mais típicas da sua individualidade», (art. cit., pág 24).

E o Prof. Rebelo Gonçalves diz também: «...lamentar-lhe a dispersão é perder de vista o seu programa, cuja execução, repartida embora por múltipla análise, inteiramente se filia e se enquadra numa síntese: a visão geral do povo português» (*Elogio histórico de José Leite de Vasconcelos*, pág. 8).

(6) O Prof. Orlando Ribeiro, que acompanhamos neste juizo, parece, no entanto, abrir uma excepção quando diz que «apenas a Numismática constituiu uma especialidade à parte» (art. cit., pág. 25). Mas, mesmo essa disciplina, a íntegra Leite de Vasconcellos no plano geral da sua obra, como nota nas *Religiões da Lusitânia* (t. 1, pág. xxvn), ao referir-se ao proveito que o seu cultivo lhe trouxe quando, pela sucessiva complexidade do trabalho, foi levado a ocupar-se das coisas antigas, quando elas serviam, no campo dos seus estudos, para aclarar os factos da actualidade.

(isto é, desde o princípio da sua carreira) quase não pensa noutra cousa que não seja a história da boa terra lusitana, particularmente no seu lado etnológico e linguístico» (7).

E se é certo que nos últimos anos da sua vida lamentava ter dado tão grande atenção ao estudo da Filologia, certo é também que sempre ou quase sempre o procurou pôr ao serviço da Etnologia que, na sua concepção, abrange também — porque inclui a vida material do passado — o estudo da Arqueologia.

Este critério, que informa toda a sua concepção científica, faz com que Leite de Vasconcellos, que não é um historiador no sentido vulgar e restrito da expressão, o seja no sentido mais lato (ia a dizer *mais verdadeiro*) da palavra.

De facto, o Dr. José Leite procura sempre no passado a explicação dos fenómenos presentes, sendo portanto, na sua origem e evolução histórica que procura basear os seus raciocínios. E é tão grande o valor que atribue ao critério histórico, como método de investigação etnográfica, que, depois de marcar a sua posição ao tratar, na história da Lusitânia e das suas crenças religiosas, da origem da nacionalidade e dos costumes do povo português, procura, na sua *Etnografia Portuguesa*, fazer o estudo, a partir da reconquista cristã (8), «do território e do povo (9), o primeiro *abstractum* activo e permanente da vida tradicional, o segundo encarado na sua origem, variações numéricas, grupos étnicos com ou sem base geográfica, e caracteres mais gerais» (10).

Mas não é apenas um critério de ordem científica que o leva para o campo da História; é também, e talvez até sobretudo, o seu acrisolado amor a Portugal e à gente portuguesa, amor tão forte-

(7) *Estudos de Philologia Mirandesa*, i, págs. 3-5.

(8) De facto, embora essa obra se refira principalmente aos tempos modernos, L. de Vasconcellos observa que «a par de notícias actuais, e como antecedentes lógicos das mesmas, dar-se-hão nela, tanto quanto o autor for capaz de isso, notícias históricas antigas, da idade-média em diante: a obra formará, pois, de certo modo, a continuação da que se intitula *Religiões da Lusitânia* porque começará no séc. vii, quando, segundo vimos acima, acabou a Lusitânia histórica, e como que já surge Portugal» (*Etnografia Portuguesa*, i, pág. 11).

(*) «Por povo português entendem-se não só as classes populares, de que os etnógrafos costumam ocupar-se, mas a grei nacional, formada das gentes de todas as condições» (O. Ribeiro, art. cit, pág. 3i).

(10) *Ibid.*, *ibid.*

mente vivido, que, pode bem dizer-se, impulsionou e orientou toda a sua actividade mental. E que, na concepção do Mestre, «quanto mais intenso for o conhecimento da História, tanto mais firme será a consciência da nacionalidade» (41).

Por isso, o sentimento verdadeiramente sacerdotal da oblação, que levou Leite de Vasconcellos a sacrificar-se sem reservas nem hesitações — totalmente — à ciência que professava, levou-o também a oferecer fervorosamente a mesma Ciência à Pátria, que acima de tudo pretendeu servir e honrar (42).

Não pode ler-se sem um frémito de emoção este verdadeiro hino de amor ao povo português:

«Este povo heroico e glorioso, que se separou de Lião, que expulsou de cá os Árabes e em seguida os foi bater nas suas próprias terras, que descobriu mares, povoou ilhas, rasgou novo caminho para o Oriente, tornou mais conhecida a África, trouxe o Brasil ao convívio da civilização; este povo, que nos séc. xvi e xvii tanto enriqueceu a literatura histórica, geográfica e etnográfica, fruto de longas viagens; que entusiasmou o mundo com uma epopeia, onde palpita o coração da pátria, e que, oferecendo-nos revestido de forma clássica um tema de inspiração nacional, se tornou acabado modelo de arte, como nenhuma outra nação moderna o produziu, do mesmo género; este povo de tão variadas aptidões, que, ao mesmo tempo que traduz seus íntimos arroubos no mais aceso lirismo, atravessa os ares em frágil avião, intrépidamente, só levado do sonho de encontrar um instrumento de progresso: este povo [...] teve todavia primordios singelos. Por isso, a eminência do apogeu mais sobressaiu depois, e esta pelo seu lado fará que se julgue sem acrimonia algum accidental desalento, visto que a vida de um povo não pode manter-se sempre uniforme» (43).

(41) *Religiões da Lusitânia*, i, pág. xxvi.

(42) Este seu nacionalismo como que resumbrava irreprimivelmente na seguinte frase da introdução às *Religiões da Lusitânia*: «... não me falta que fazer em Portugal, para ter de ir ocupar-me de países estranhos, ainda mesmo quando, como no caso presente, a história deles está intimamente enlaçada com a do meu, e lhe serve de esclarecimento» (i, pág. xxiv).

(43) *Etnografia Portuguesa*, io. Esta atitude, manifestada em 1933, contrasta, de certo modo, com a que se reflecte no que, desalentado, dizia, em 1897, na *Religiões da Lusitânia*: «Quando um povo, em virtude das más

Aqui estão bem expressos, em toda a sua intensidade emotiva, os sentimentos que prendiam o Dr. José Leite de Vasconcellos à gente de Portugal — sentimentos esses que explicam o encantamento com que escutava as cantigas da Margarida Rosa, as histórias do moleiro Elias e da Tia Miquelina (cujo retrato estampa carinhosamente), ou a bonomia com que, na botica de Campolide, dava conversa a quem quer que dele se abeirasse ⁽¹⁰⁾.

E daqui nascia — se é que não era antes reflexo dele — um outro sentimento mais alto: o da dignidade da pessoa humana, de que tinha uma noção tão elevada, que a todos — fosse qual fosse a sua condição social — se abria com a mesma cativante singeleza, ou manifestava sem reбуço sentimentos de gratidão, como aos tipógrafos, diligentes compositores e impressores das suas obras, que trazia ao seu convívio e não esqueceu no próprio testamento.

No fim de contas era ainda e sempre o amor à Ciência que lhe impunha esta atitude tão reverentemente humana. Pois não era a alma do povo em todas as suas manifestações psíquicas, directas ou indirectas ⁽¹³⁾, que ansiosamente procurava desvendar?

E é sobretudo da coerência entre as suas atitudes e os seus mais íntimos sentimentos que resulta a grandeza e a elegância da sua actividade mental.

Esta é a mais bela lição do Mestre.

*

Limitar-nos-emos agora a chamar a atenção, pela transcendência do seu significado histórico, para duas obras funda-

cabeças dos homens que o constituem, ou de condições históricas gerais, está em decadência, como o nosso, permita-se ao menos aos que amam a terra em que nasceram furta-se, pela contemplação e estudo das cousas do passado, ás misérias do presente: assim se evitará uma causa de sofrimento moral, e ao mesmo tempo se tirará do conhecimento etnológico do país, e da consciência da solidariedade em que os diversos momentos históricos estão entre si, estímulo para não deixar abismar-se completamente no pântano das protervias sociais o que ainda resta de sentimentos puros da alma nacional» (i, pág. vii).

A mudança de ambiente político influía, por certo, salutarmente no espírito do Mestre.

⁽¹¹⁾ Depoimento do Prof. O. Ribeiro (art. cit., pág. 21).

⁽¹⁵⁾ *Etnografia Portuguesa*, 1, pág. 2.

mentais de Leite de Vasconcelos: *Religiões da Lusitânia e Etnografia Portuguesa* — obras que, como já tivemos ocasião de notar, se completam, constituindo — para me servir da expressão do Prof. Orlando Ribeiro — «uma espécie de *Monumenta Ethnica* de Portugal, desde o período paleolítico até à actualidade» (16).

Leite de Vasconcelos estuda a Lusitânia em função de Portugal—porque, estudando-a, é realmente as origens do povo português que pretende desvendar. Por isso, põe logo de início o problema da relação existente entre Portugal e a antiga província romana.

Quais os limites da Lusitânia?

Para o Autor, a Lusitânia pre-estrabónica abrangia o território ocidental da Península ao norte do Tejo. Mas a fama do valor guerreiro dos calaicos fez «que a maior parte dos Lusitanos se chamassem então como eles: por isso, toda a terra que ficava ao norte do Doiro, e que primeiro se denominou *dos Lusitanos* (terra que, para leste, incluía a actual província de Trás-os-Montes) passou a denominar-se *dos Callaicos*» (17). Depois os romanos sancionaram esta distinção, passando, no entanto, a incluir na Lusitânia o território ao sul do Tejo, o que se deve atribuir — explica o Dr. Leite de Vasconcelos — «ao facto de terem ido Lusitanos habitar a região meridional, trazidos, como diz Estrabão, da direita do Tejo pelos Romanos» (18).

E assim temos Portugal (à excepção da pequena faixa territorial situada na margem esquerda do Guadiana) todo incluído, desde os alvares da dominação romana, em uma verdadeira unidade étnica e social de que não é apenas a maior parte mas aquela «que melhor se definiu etnologicamente».

A este conceito se liga a posição que o Dr. José Leite tomou em face da teoria de Herculano, que sustentava, como é sabido, ser «impossível ir entroncar com os Lusitanos a nossa história, ou deles descer logicamente a esta» (19). Esta atitude, que o

(16) Art. cit., pág. 27. O próprio Autor o diz, ao afirmar, referindo-se à *Etnografia*, que «a obra formará, de certo modo, continuação da que se intitula *Religiões da Lusitânia*, porque começará no séc. vm, quando acabou a Lusitânia histórica, e como que já surge Portugal» (pág. 11).

(17) i, pág. xxn.

(18) *Ibid.* y pág. xxiii, nota 6.

(19) *Hist. de Port.*, 1, pág. 46, cit. por L. Vasconcelos, *ibid.*, pág. xxv.

autor das *Religiões da Lusitânia* considera exagerada, explica-a e refuta-a assim :

«No tempo em que Herculano publicou o seu trabalho, várias ciências, como a Etnologia, a Antropologia, a Arqueologia, estavam muito menos adiantadas que hoje, e por isso não espanta que ele, de mais a mais com o desejo de refutar opiniões que considerava, e de facto eram, exageradas, negasse factos, que aquelas ciências tendem sucessivamente a confirmar: isto é, que, não obstante os cruzamentos étnicos que de todos os tempos se tem operado no nosso território, devemos contar entre os nossos ascendentes os povos da Lusitânia». E continua, lembrando que, «se o território de Portugal não concorda exactamente com o da Lusitânia, está porém compreendido no dela; e que a língua que falamos é, na sua essência, mera modificação da que usavam os Luso-Romanos ; que muito dos nossos nomes de lugares actuais provém de nomes pré-romanos; que certas feições do nosso carácter nacional se encontram já nas tribus da Lusitânia; que grande parte dos nossos costumes, superstições, lendas, isto é, da vida psicológica do povo, datam do paganismo; que bom número das nossas povoações correspondem a antigas povoações lusitánicas ou luso-romanas; que, numa palavra, quando estudamos por meudo, qualquer elemento tradicional da nossa sociedade, nos achamos constantemente em estreita relação com o passado, ainda mesmo com o mais remoto». Deste modo, «além da curiosidade que um português terá de saber o que em tempos afastados se passou no território em que vive [...]»* não pode ele deixar de se interessar pela Lusitânia, visto que dela descende, e a ela se acha vinculado por laços de toda a ordem» (20).

A crítica moderna tem posto reservas a este confiante juízo do Mestre; e o negativismo de Herculano parece ser cada vez mais a posição da ciência em face do problema. Assim, à concepção da unidade étnica da Lusitânia, que Leite de Vasconcellos entrevê em Estrabão, contrapõe-se uma nova interpretação das passagens da sua *Geographia* que se referem ao ocidente da Península. Só acidentalmente o território ao norte do Douro teria sido incluído na Lusitânia; e mesmo que fosse propósito do geógrafo grego

(20) *Ibid.*, *ibid.*, págs. xxv e xxvj.

considerá-lo como parte tradicional desta província, «a verdade é que — observa o Prof. Paulo Merêa — este testemunho é único». E continua: «Nenhuma outra autoridade corrobora estas asserções, ao passo que a separação entre Galécia e Lusitânia, com o rio Douro como linha divisória, parece corresponder a um estado de coisas muito antigo. O que se afigura, portanto, mais provável — conclue — é que a Lusitânia tradicional tivesse como limites o Tejo e o Douro» (21).

Por outro lado, não é hoje geralmente admitido o critério que filia a individualidade política de Portugal na individualidade étnica e cultural da Lusitânia — individualidade que, mesmo que tenha existido, não podia, sobretudo depois do enorme abalo sofrido com a invasão muçulmana, afectar a formação da nacionalidade portuguesa (22). Cumpre, no entanto, acentuar que Leite de Vasconcellos se limita a concluir que descendemos dos lusitanos, a que nos vinculam laços de toda a ordem, não procurando sequer estabelecer qualquer contraste com os povos vizinhos que nos individualize, pois observa que «a história deles está intimamente enlaçada» com a nossa (23).

De resto, ainda não se disse a última palavra (será possível dizê-la algum dia?) sobre o assunto; e é incontestável que as pesquisas e as reflexões de Leite de Vasconcellos muito contribuem para uma visão mais clara dos pródromos da nacionalidade. Não foi em vão que o incansável investigador leu e meditou os textos e calcorrou o país inteiro, indagando e recolhendo materiais de toda a ordem para a história mais antiga desta faixa ocidental da Península.

Mas, apesar da riqueza desses materiais, apesar do valor de algumas conclusões a que o Autor pôde chegar, ao concluir, em 1912, a sua obra —quinze anos depois da publicação do seu primeiro volume — confessava com certa amargura, que muitos defeitos conhecia na sua execução (24). E mais tarde (passados 21 anos) não hesitava afirmar: «Hoje o autor modificá-la-ia em

(21) *Reflexão acerca da Lusitânia*, in *Portugale*, vol. xm (1940), pág. 187.

(22) Vide sobretudo Damião Peres: *Como nasceu Portugal*, passim; e também o meu artigo sobre *O repovoamento do norte de Portugal no séc ix* (*Biblos*, vol. xviii).

(23) *Religiões*, cit., 1, pág. xxiv.

(24) *Ibid.*, in. pág. x.

muitos lugares, sobretudo na parte 1, porque de então para cá a ciência progrediu imenso» (25).

Não obstante, as *Religiões da Lusitânia*, que a crítica considera o seu melhor trabalho, são ainda uma obra actual, e sê-lo-ão por muito tempo, não só em virtude do valor e da abundância da informação, mas também pela emoção forte, embora serena, que as anima, emoção a que Leite de Vasconcellos, aparentemente frio pesquisador de velharias, se não podia furtar ao utilizar os materiais que ele próprio descobrira e conseguira valorizar. Assim — como justamente observa Orlando Ribeiro — embora não exponha explicitamente as suas conclusões, preferindo «deixar os factos falarem por si», pela forma como os enfeixa ou encadeia, é «possível ao leitor atento ver desenhar-se o fio condutor por que ele se guiou» (26). Por isso este método, apesar da sua objectividade científica, não exclue uma forte afirmação de personalidade que a cada passo se manifesta.

Também sob êste aspecto, a *Etnografia Portuguesa* se liga bem às *Religiões da Lusitânia*. Como o próprio Autor confessa, a publicação de um tratado geral de Etnografia portuguesa foi aspiração de grande parte da sua vida; mas só muito tarde conseguiu remover dificuldades de vária ordem que prejudicavam a realização do seu sonho.

De facto, só em Dezembro de 1933 é que saiu a lume o i.º tomo dessa obra cuja prefacção escrevera a 7 de Julho, no próprio dia — não podemos deixar de o registar sem comoção — em que completava 75 anos!

Leite de Vasconcellos hesita quanto à classificação a adoptar; mas, pensando que o que importava era publicar inteiramente a enorme quantidade de materiais que conseguira reunir, acabou por exigir apenas «um pouco de método; posto que criticável». O que sobretudo lhe interessava, era a observação directa e fiel. «Observar é sempre, sem dúvida — acentua — o melhor método, porque o que aparece espontâneo possui carácter genuíno».

Mas apesar disso, apesar de o objectivo desta obra se limitar

(25) *Etnografia Portuguesa*, 1, pág. 11, nota 1.

(26) Art. cit., pág. 30.

a um tentame de sistematização etnográfica (27), nem por isso o seu Autor se alheia da interpretação dos factos. E como o accidental deriva do permanente, assim como o presente provém do passado, entendeu que importava fazer primeiro o estudo da geografia física, e, logo em seguida, «uma sumária exposição de geografia político-histórica, e panorâmica, sobretudo no que toca à tradição popular». Este é — conclue sugestivamente o Autor — «o palco em que o drama se representa» (28j. Por isso, feito o seu estudo, passa a ocupar-se do povo, não apenas segundo os seus agrupamentos, densidade e caracteres, mas ainda segundo as suas origens. Bem sabe que isso pertence à Etnogenia, «mas — observa — fica assim a exposição mais acabada». Deste modo, a *Etnografia*, embora não pretenda ser uma história da sociedade portuguesa, procura abraçar metodicamente o complexo da sua vida tradicional desde a Idade-Média (29).

A parte já publicada abrange, além da introdução geográfica, a história do 'território nacional e as suas divisões tradicionais, com que conclue o terceiro volume.

E certamente éste o estudo mais completo e exaustivo que até hoje foi publicado sobre a matéria, e basta para consagrar definitivamente o labor de um homem de ciência. De facto, para que a memória de Leite de Vasconcellos devesse ser sempre venerada pelos historiadores portugueses, bastaria tê-lo realizado. Pois quem poderá escrever hoje a História de Portugal sem o ter em conta, sem meditar longamente sobre tão grande soma de materiais pacientemente coligidos e inteligentemente seleccionados e ordenados?

Não cabe no âmbito desta notícia a sua apreciação crítica. Teremos ensejo de o fazer, com a largueza que merece, na secção bibliográfica do próximo tomo da *Revista Portuguesa de História*. Quisemos apenas acentuar a sua originalidade e a sua importância, assinalando o lugar culminante que ocupa na economia da activi-

<27) «Ainda não chegou o momento de se escrever uma definitiva Etnologia portuguesa», observa, um tanto melancolicamente, o Dr. Leite de Vasconcellos, embora considere «que devamos ir um pouco além de simples colecção de materiais, como, só com poucas excepções, até aqui se tem feito». *Etnosraña*, i, pág. 348.

(28) *Ibid.*, pág. 22.

(29) *Ibid.*, pág. 11 e 23.

dade intelectual do Dr. José Leite de Vasconcellos. Não que seja a síntese de todo o labor mental do grande Mestre, mas é — e isso basta para lhe atribuirmos esse lugar — o esforço derradeiro de ordenação e sistematização de uma infinidade de materiais e de observações que, com uma persistência e uma devoção sem par, conseguiu recolher e coligir, desde os tempos de estudante, durante dezenas de anos de trabalho ininterrupto.

Por isso, quando sair dos prelos o último volume da *Etnografia Portuguesa*, bem se poderá dizer ser esta obra um dos mais belos e mais expressivos monumentos jámais erguidos em louvor do povo português.

TORQUATO DE SOUSA SOARES

David Lopes

David Lopes é exemplo e modelo do homem de saber que, possuidor de um instrumento de trabalho de manejo invulgar entre nós, dele soube tirar proveito em todos os campos da construção científica em que com vantagem e segurança o podia aplicar.

E ainda o claro testemunho do que uma vontade firme e uma disciplina severa permitem fazer a quem sinceramente, e a despeito das inevitáveis limitações dos nossos minguados recursos em gente e dinheiro, deseja deixar atrás de si alguma coisa acabada. Homem de uma grande geração, sobressaiu entre os do seu tempo e conta-se como o nosso primeiro arabista. Celebram-no os filólogos como um dos seus maiores, tanto pelo que fez no campo dos estudos arábico-portugueses como pelo rumo seguro que soube imprimir a esses estudos (4). A *Revista Portuguesa de História* lembrará (*)

(*) José Pedro Machado, «Prof. Doutor David Lopes» (*Brotéria*, vol. xxv[^] Julho de 1942).